

A CONSTITUIÇÃO DA FIGURA DE PEDRO ARCHANJO EM *TENDA DOS MILAGRES* DE JORGE AMADO

“Quem é ateu, e viu milagres como, eu sabe que os deuses sem deus, não cessam de brotar nem cansam de esperar.” (Caetano Veloso)

Paulo Cesar Tafarello (UNEMAT/UFMS)

I – Introdução

A leitura de uma obra de Jorge Amado abre àquele que se aventura por seus caminhos uma porta... uma porta que leva a um universo amado por uns, criticado por outros, mas nunca a um espaço vazio de paixão e misticismo, onde muitas vezes, o fantástico mistura-se ao realismo presente e a sensualidade exposta de seu conjunto ficcional.

Desvelar as trilhas desse universo pode parecer, a primeira vista, objeto de fácil estudo, principalmente àqueles que se limitam a aceitar as inúmeras críticas que o circundam, mostrando um autor que limita-se ao descriçionismo e a criação de “estereótipos racistas”, onde o negro, segundo Brookshaw (1983, p,122), *nunca é descrito por Jorge Amado como um ser normal. Se o fosse, presumivelmente, deixaria de ser negro.*

A instrumentalização necessária para o estudo a que nos propusemos (ou seria a bagagem para a viagem a ser empreendida?) passa pela adoção de uma ou mais abordagens analíticas e pelo reconhecimento de seus métodos. Esse caminho nos é apontado por D’ONOFRIO (1999), que evidencia a existência de dois métodos fundamentais para o estudo da literatura: uma abordagem interna (sincrônica) e a abordagem extrínseca (diacrônica).

Tomando como base esses dois métodos de abordagem, D’Onofrio aponta para os principais enfoques de cada um. Assim, na abordagem sincrônica, teremos o estudo da estrutura do texto literário a partir dos enfoques lingüístico, semiótico, estilístico, formalista, estruturalista, fenomenológico e temático.

Já na abordagem diacrônica, *que toma o texto mais do ponto de vista de sua evolução no tempo e no espaço* (D’Onofrio, 1999, p,84), estabelece que a atividade crítica parte de fora para dentro do texto, fazendo parte do estudo todo universo sociocultural que influenciou na formação do autor, sua biografia, sua base literária e o complexo ideológico

em que viveu. Seus principais enfoques são a Análise Sociológica, Análise Psicológica, Teoria dos Arquétipos, Teoria dos Gêneros, Teoria dos Movimentos e o Método Comparativo.

O que o teórico propõe é a integração metodológica para a análise literária, uma vez que considera que, “não obstante as peculiaridades dos vários métodos, cada um ressaltando mais um aspecto da obra literária do que outro, eles não são incompatíveis” (D’Onofrio, 1999, p,97).

Sendo assim, a análise de um texto literário atravessaria três etapas sucessivas:

a fase do estudo do intratexto (verificação do arranjo estético de seus elementos constitutivos); do intertexto (relação que a obra estabelece com outros textos do mesmo autor, do mesmo gênero ou da mesma época); e do extratexto (os princípios ideológicos e os padrões ético-sociais do espaço, do tempo da produção da obra). (idem: 77)

É da aceitação do proposto por D’Onofrio que parte a proposta deste trabalho que se pauta em identificar a forma como é constituída socialmente a personagem Pedro Archanjo, protagonista de *Tenda dos milagres* (...) a partir de elementos pertencentes ao intratexto, ao intertexto e ao extratexto buscando nas posturas assumidas pelo narrador e os elementos de constituição do espaço da obra, nas relações dialógicas que este personagem possui com outros personagens de Jorge Amado, e na posição social ocupada por este autor perante seus leitores, procura-se analisar até que ponto elas influenciam na composição da personagem.

II – A narração em *Tenda dos milagres*

A voz do narrador em uma obra literária é o caminho preparado para levar o leitor a uma dada compreensão dos sentidos imanescentes dessa obra.

Situado dentro dos procedimentos de análise a partir de diversos pontos de vista, é a figura do narrador que irá contribuir decisivamente para a construção da personagem. *A construção de personagens obedecem a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer*”. (BRAIT, 2000, p,68).

Reis & Lopes (1988, p,61), conceituam o narrador como ... *autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa*, distinguindo a figura deste da figura do autor, que

... *corresponde a uma entidade real e empírica* (idem). Ao situar o narrador na obra encontramos sua vinculação direta a focalização dada a narrativa. Assim, a figura do narrador pode ser dividida em: narrador autodiegético, *em que o narrador da história relata suas próprias experiências como personagem central dessa história* (Reis & Lopes, 1988, p, 118), narrador homodiegético *que é a entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética.*” (idem: 124) e finalmente narrador heterodiegético que (...) designa uma particular relação narrativa: *Aquela em que o narrador relata uma história a qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão.* (idem: 121)

Ocorre que: “Qualquer tentativa de sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens esbarra necessariamente na questão do narrador esta instância narrativa que vai conduzindo o leitor por um mundo que parece estar se criando a sua frente” (BRAIT, 2000, p, 52-3).

A autora, sem entrar diretamente em questões que dizem respeito à Teoria Literária, utiliza-se da classificação “narrador em primeira pessoa” e “narrador em terceira pessoa” para explorar as diferentes possibilidades de construção das personagens.

Acerca do narrador homodiegético Tacca (1983, p, 133) distingue três tipos principais: o primeiro, quando o narrador se identifica com o protagonista do romance; o segundo, em que o narrador corresponde a um personagem secundário e, por último, quando como simples testemunha dos fatos que apresenta. Esse autor destaca o segundo e o terceiro tipos. Aponta para o fato de que a importância do narrador-personagem é dada pelo posto de observação que este ocupa. Já o narrador-testemunha teria seu destaque dado pela distância que ocuparia do fato com uma suposta isenção acerca do rumo dos acontecimentos. Entretanto essa “isenção” nunca seria total, pois; na maior parte dos casos, pois, uma testemunha comprometida, ‘embarcada, sem perceber grande coisa, em assuntos que não lhe dizem respeito, mas incapaz de se deslizar’ – e que, voltamos a sublinhá-lo, determina a nossa visão de leitores (Idem, p, 134).

Em (*Tenda dos milagres*), encontramos uma situação narrativa particularmente interessante, uma vez que, nessa obra, convivem dois focos narrativos em torno de uma única personagem.

Na introdução, temos um narrador heterodiegético que apresenta ao leitor o bairro do Pelourinho, local em que se passa a maioria das ações da obra: *No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam* (TM, p, 13).

Esse narrador vai, ao longo desse trecho, apresentando esse bairro de Salvador – aqui tratado como universidade. *Universidade vasta e vária ...* (TM, p, 13). Essa forma de caracterização do Pelourinho aponta para uma construção de um espaço onde Pedro Archanjo é figura central: *Lá está Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe?*(TM, p, 17).

No primeiro capítulo, encontramos um narrador-personagem, Fausto Pena, que apresenta dupla característica: é testemunha dos fatos no tempo presente da obra, e relator da vida de Pedro Archanjo.

Percebemos que, a partir desse ponto, a narrativa se desenrola em duas instâncias: uma em que Fausto Pena narra a vida de Pedro Archanjo como um observador externo: *Ladeira acima, trôpego, o velho sustenta-se nas paredes dos casarões ...* (TM, p, 35), e outra em que narra sua própria experiência de “pesquisador”, enquanto contratado por Levenson, sábio norte-americano que se interessara pela obra de Archanjo: *Encontrarão os leitores, nas páginas que se seguem, o resultado de minha pesquisa em torno da vida e da obra de Pedro Archanjo* (TM, p, 19).

Fausto Pena vai apontando caminhos para que o leitor, com o qual mantém permanentemente contato direto *Encontrarão os leitores, ...* (TM, p, 19), construa, por meio de pistas balizadas por um procedimento “científico” ... *resultado de minha pesquisa ...* (TM, p, 19) a figura de Pedro Archanjo.

Em sua narrativa vai coletando informações junto à comunidade, que, apesar de estarem incompletas *Da existência de Pedro Archanjo, escaparam-me não só detalhes mas fatos importantes, talvez vitais* (TM, p, 20), publica em forma de livro. Assim, Pena tenta passar ao “leitor”, tanto em sua voz, quanto na voz de outras personagens a credibilidade necessária para aceitação de sua narrativa acerca da vida de Archanjo:

“Não vou opinar sobre a obra de Archanjo, hoje acima de qualquer suspeita” ... (TM, p, 20)

“... para Ojuobá não há porta fechada. Ojuobá, os olhos de Xangô ...” (TM, p, 41)

“... ouvir Archanjo era privilégio dos pobres.” (TM, p, 42)

“Mestre Archanjo ia contente da vida, contente da morte naquela de defunto em carroça aberta” (TM, p, 46)

A outra instância narrativa que se desenrola ao longo da obra situa-se no tempo atual. Nela, Fausto Pena, narra em primeira pessoa os acontecimentos que levaram a descoberta de Pedro Archanjo pela classe dominante da Bahia.

“Aquele fora o ano de Pedro Archanjo, escreveu, em balanço de fim de ano, destacado jornalista, ao enumerar os acontecimentos sociais”. (TM, p, 28)

“O centenário Major, vamos comemorar durante o ano inteiro ...” (TM, p, 70)

Tão importante quanto o tipo de narrativa apresentado por Fausto Pena são os recursos por ele utilizados para dar um ar de credibilidade à sua história. Assim, desde o início, tenta mostrar ser detentor de uma postura ligada ao pensamento socialista, apresentando suas idéias a partir de uma ótica científica e progressista:

“Não satisfeitos em se imiscuírem em minha vida íntima ... tentaram incompatibilizar-me com a esquerda, alardeando ter-me eu vendido, a mim próprio e a memória de Archanjo, ao imperialismo norte-americano.” (TM, p,21)

Enquanto, esse véu será tirado no decorrer da obra, mostrando um personagem narrador mais preocupado em conseguir dinheiro para manter seu *status* de sociólogo e poeta do que lutar para divulgar o resultado de sua pesquisa “científica”.

“... quando estou de veia, sou bom de prosa, e o que não sabia, inventei, pois não me encontrava em condições de perder os prometidos dólares, dólares e não desvalorizados cruzeiros.” (TM, p, 22)

“A idéia não é má, vou tentar, fiz relações no Rio, apliquei os dólares em almoços, jantares, uísques e boates, veremos agora se pagam juros.” (TM, p, 298)

Todavia, o silêncio de Pena acaba por colaborar para uma reconstrução distorcida da figura de Pedro Archanjo pela classe dominante durante as comemorações do centenário:

“Porque mostrar mestre Archanjo velho e maltrapilho, descendo o Pelourinho no rumo dos míseros castelos? O monumento cresce à luz das homenagens; na estátua, quase branco puro, sábio oficial da Faculdade, capado e mudo” (TM, p, 299-300)

“... no descolorido retrato vê-se um mulato pardo, jovem e forte, metido em roupa escura e posudo – eis Archanjo, recém nomeado bedel da Faculdade de Medicina da Bahia. Achei por bem não enviar a outra foto, onde mestre Pedro já velho e descuidado, um trapo, é visto em companhia de duvidosas mulheres, empinando o copo, em evidente esbórnia”, (grifo nosso) (TM, p, 22)

O narrador inicial só retoma a narrativa no capítulo final, *O Major ordenou ao poeta e sociólogo Pena...* (TM, p, 330), quando é feita a homenagem a Pedro Archanjo pelo Jornal da Cidade, e no desfile feito pela escola de samba Filhos do Tororó.

Importante notar que a cena narrativa não contribui decisivamente para o delineamento claro do personagem Pedro Archanjo. Pelo contrário, em muitos momentos ela colabora para envolver a névoa da incerteza na figura dessa personagem, levando, por diversos momentos, o leitor a duvidar da legitimidade e veracidade do narrador:

“... sob muitos aspectos o contra-senso e o disparate permanecem, tudo confuso e obscuro apesar de meu esforço, real e ingente, creiam-me ou não. (TM, p, 19)

Da existência de Archanjo escaparam-me não só detalhes, mas fatos importantes, talvez vitais.” (TM, p, 20)

“Tudo se resumia em ‘talvez’, ‘pode ser’, ‘se não foi assim, foi assado’ – absoluta falta de consistência e segurança, como se aquela gente não tivesse os pés na terra e visse no finado não um ser de carne e osso e, sim, uma coorte de heróis e mágicos, tantas e tais façanhas que lhe atribuem. Jamais consegui estabelecer o limite entre a informação e a invenção, a realidade e a fantasia.” (TM, p, 20)

Contam, amor, certa feita, estando uma iaba de passagem na Bahia ... (grifo nosso) (TM, p, 135)

Partindo da ótica do narrador, percebe-se, então, que a apresentação da personagem é feita de forma pouco delineada. Os dois focos narrativos identificados não dão definições claras acerca da figura de Pedro Archanjo. A presença de indicadores que

marcam essa indefinição, além da presença de um narrador distante temporalmente dos fatos que narra, aliada à falta de credibilidade apresentada por este, dada pela sua inconsistência ideológica, reforçam uma idéia de névoa em torno da personagem, fazendo com que este adquira uma nuance mítica e endeusada.

Somando a isso, a utilização de recursos advindos da literatura de cordel nos títulos dos capítulos aumenta essa indefinição, uma vez que a figura do narrador (cantador) de cordel, figura popular no nordeste brasileiro, tende a exagerar nos feitos das personagens de suas histórias, conflitando assim com o “cientificismo” mostrado pelo personagem narrador.

III – A constituição do espaço

O espaço do romance não é, senão um conjunto de relações existentes entre os lugares, o meio, o cenário da ação e as pessoas que está pressupõe, quer dizer, o indivíduo que relata os eventos e as personagens que e neles participam. (Weisberger, 1978, p 14)

Pelourinho... bairro da periferia de Salvador. É ali onde se ambienta a obra *Tenda dos milagres*. Historicamente, o pelourinho era o lugar para onde os escravos eram levados para serem castigados, e que desde há muito guarda relação direta com a comunidade negra baiana. É nesse bairro que está localizada a *Tenda dos milagres*, lugar de onde parte Pedro Archanjo para a realização de suas ações, sendo mesmo, um lugar privilegiado de encontro entre mundos.

Interessante notar que, “tenda”, no sentido dicionarizado pode ser caracterizada tanto como barraca de campanha como pequena oficina de artesão. (cf. AURÉLIO, 1977). Já o “milagre” é caracterizado como a intervenção do divino na vida cotidiana, que não pode ser explicado pela intervenção da natureza.

É na Tenda dos milagres que Lídio Corró, companheiro de Pedro Archanjo, “risca” milagres, ou seja, a partir de relatos feitos por pessoas que se diziam socorridas pelos santos em momentos de desespero, pinta na madeira um quadro retratando o ocorrido, que será depositado como oferenda na Igreja: ... lá está Lídio Corró, riscando milagres, movendo sombras mágicas, cavando tosca gravura na madeira.” (TM, p, 17)

Importante notar que a escolha do nome da oficina é feita por Pedro Archanjo: “Archanjo escolhera o nome.” (TM, p, 103). E lá também que se tomam decisões, ...a *Tenda dos milagres é uma espécie de Senado, a reunir os notáveis da pobreza, assembléia numerosa e essencial.*” (TM, p, 104) que vão desde a organização de festas de cunho

popular, como a lavagem da escadaria da igreja de Nosso Senhor do Bonfim até a organização e estruturação de luta contra o *establishment*.

A união entre o “místico” e o “real” acontece também na *Tenda dos milagres*, uma vez que é esse o lugar em que ocorre o embate entre Pedro Archanjo e a Iaba, demônio feminino que, indignada com a sexualidade desenfreada, decidiu humilhá-lo sexualmente e *Para tanto, a iaba virou a negra mais formosa até hoje vista em terras da África, Cuba e do Brasil.*” (TM, p, 136). Como resultado da batalha sexual vencida por Pedro Archanjo com ajuda de Xangô e Exu, Iaba transforma-se na negra Dorotéia. Do encontro entre homem e demônio, nasce Tadeu Canhoto.

Verifica-se então, que a *Tenda dos milagres*” é articulada de maneira a constituir um espaço de encontro, lutas e decisões. Se o bairro do Pelourinho é apresentado como *...um lugar onde as pessoas ensinam e estudam. Universidade vasta e vária...* (TM, p, 13) a *Tenda dos milagres* é o centro de decisões e comando. *Na Tenda dos milagres, ladeira do Tabuão, 60, fica a reitoria dessa universidade popular ... lá se encontra Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe?* (TM, p, 17)

Essa articulação é predominantemente social, uma vez que, apesar de demarcada territorialmente “ladeira do Tabuão, 60” suas referências ultrapassam os limites espaciais da *Tenda dos milagres* para atingir o *status* de centro sócio-cultural de toda comunidade do Pelourinho, negra ou mestiça, em sua maioria pobre, que tem, na Tenda, o posto de defesa de seus valores e direitos em oposição à comunidade branca pertencente à parte nobre da cidade. É importante salientar que a comunidade branca, que tem seu centro social na Faculdade de Medicina, onde *“igualmente se ensina a curar as doenças, a cuidar de enfermos. Além de outras matérias: da retórica ao soneto e suspeitas teorias”* (TM, p, 17).

Dessa forma, a *Tenda dos milagres* é constituída como sendo o lugar privilegiado para o desenrolar das ações presentes na obra: é a partir dela que surgem e partem todos os confrontos e disputas entre as comunidades.

A constituição do espaço diegético cria um ambiente cindido onde o Pelourinho opõe-se ao terreiro de Jesus em função das características sociais de cada um, sendo o Pelourinho apresentado como local de profunda significação histórica, em que os negros escravos sofriam os castigos dados por seus senhores e continua sendo o lugar que seus descendentes sofrem. O chicote atual, entretanto, é a discriminação racial e social. O terreiro

de Jesus traz a marca da civilização europeia e cristã. A Faculdade de Medicina, nele situada, representa a força de cultura dominante, seus métodos e teorias.

IV – Pedro Archanjo: entre dois mundos

Ojuobá ia lá e via Ojuobá ia. (Caetano Veloso)

A análise da personagem de uma obra literária deve, obrigatoriamente, ser precedida de uma discussão acerca da abordagem utilizada neste procedimento, ou seja, identificar o que uma personagem representa dentro de uma obra literária passa, obrigatoriamente, por sua identificação dentro dessas mesmas obras e sua relação com os demais elementos ali presentes.

Uma das categorias fundamentais da narrativa, o personagem “*evela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual a economia narratio*” (Reis & Lopes, 1988, p, 215).

Ainda segundo esses autores, existem processos que permitem localizar e identificar a personagem, entendida aqui como signo: “*nome próprio, a caracterização, o discurso da personagem são alguns desses processos*” (idem, p, 217). Seu peso específico e funcionalidade na economia do relato são definidos por meio de procedimentos de estruturação, definidos como relevo (protagonista, personagem secundária ou figurante) e composição (plana, redonda).

Brait (2000, p, 44), apresentando um panorama acerca das diversas representações da personagem desde Aristóteles até as vertentes mais atuais, aponta para o trabalho de Philippe Hamon, onde a personagem *é estudada sob a perspectiva semiológica, isto é, como um signo dentro de um sistema de signos*, definindo três tipos de personagens: referenciais, *embrayeus* e anáforas.

4.1 – Entre santos e orixás

“Exu Lonan
elebara Exu Lonan
elebara Exu Lonan”
(Canto do candomblé de saudação a Exu)

Pedro Archanjo, o protagonista da obra *Tenda dos milagres* carrega em si elementos que, num primeiro momento parecem inconciliáveis. Navegando num mar de opostos, ele apresenta várias faces que, por um momento, traz a impressão de existirem vários Pedro Archanjos.

Pode-se observar isso a partir dos nomes pelos quais ele é tratado ao longo da obra; Pedro Archanio e Ojuobá. Observando a simbologia religiosa desses nomes encontramos uma primeira oposição: cristianismo x animismo.

Pedro Archanjo é o nome com que fora registrado e batizado na religião católica. O fundo é eminentemente bíblico, apesar de não existir no cristianismo nenhum Archanjo com o nome de Pedro. O primeiro nome remete ao apóstolo Pedro, que o recebeu de Jesus Cristo, que rebatizou-o de Simão para *Kepha*¹ (aramaico: rocha), cujo equivalente grego em sua forma masculina *Petrus* resultou em Pedro. Simbolicamente é sobre a figura de Pedro que estão assentados os fundamentos do Catolicismo e do Papado,

“E respondendo Jesus, lhe disse: Bem aventurado é Simão, filho de João: porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos céus. Também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céus; e tudo o que desatares a terra será desatado também nos céus” (Mateus, 16,17-9).

Dessa forma, Jesus teria, segundo a bíblia de edição católica, investido o apóstolo Pedro como o primeiro papa. Seu papel seria o de “guiar” o rebanho cristão para que este não incorresse no mal.

Já os arcanjos, seriam representantes, segundo a tradição judaico-cristã, de uma das nove ordens hierárquicas angelicais, e seu papel é o de guardar os livros da vida e da morte, onde marcam, com precisão e justiça, as expiações coletivas dos povos, nações e continentes (Bíblia. Apocalipse: 12; Dan:12). Nota –se que, diferentemente da tradição ligada ao anjo de guarda, que teria como “missão” proteger um indivíduo, os arcanjos acompanhariam o cumprimento das penalidades impostas por Deus aos povos.

Os arcanjos, por vezes, interfeririam diretamente junto ao ser humano, no cumprimento das determinações divinas. Encontramos na bíblia a interferência de três

¹ Encontramos também a forma aramaica *Cefas* para rocha.

arcanjos junto aos homens: Miguel, Rafael e Gabriel. Os arcanjos estariam ainda à frente de uma legião de anjos.

Já a forma de tratamento animista “Ojuobá”, cujo significado encontrado na obra é “olhos de Xangô”, está a designação para um cargo honorífico no candomblé, como uma espécie de ogã². Esse título foi concedido a Pedro Archanjo por Xangô: *não completa ainda trinta anos quando o santo o escolheu e o declarou: não pudera haver maior acerto – Xangô sabe os porquês.* (TM;104)

Apesar de tratado freqüentemente por Ojuobá ou Oju, que ao longo da obra passou a servir-lhe como “nome”, o termo designa um cargo honorífico no candomblé, como já vimos anteriormente, que traria direitos e deveres. Entre eles o de observar e guardar os acontecimentos: “Teria sido o próprio orixá quem ordenara a Archanjo tudo ver, tudo saber, tudo escrever, para isso fizera-o Ojuobá, os olhos de Xangô.” (grito nosso) (TM;104). “aliás, os orixás assim tinham ordenado, para Ojuobá não há porta fechada” (TM;41).

Em busca de maior clareza acerca da carga simbólica do nome Ojuobá busca-se os simbolismos vinculados aos termos que compõe o nome: olhos de Xangô.

Simbolicamente, os olhos são considerados os “espelhos da alma”. Elemento presente na iconografia de diversos povos. Está estritamente ligado à sabedoria e onisciência de Deus. Já a presença de olhos nas asas de querubins e serafins indicam a força de penetração de seus conhecimentos.

Xangô, no panteão afro-brasileiro, é associado à pedra, à justiça firme e sólida, ao poder de realização do fogo. Segundo o Dicionário de Cultos Afro-brasileiros (v. 03;45)

Representa o poder transformador do fogo, a cultura e a sua transmissão, pois em volta da fogueira que se reúnem as primeiras sociedades humanas. Por tudo isso, Xangô é o padroeiro dos intelectuais e dos artistas.

Mais uma característica importante de Pedro Archanjo se dá dentro da religiosidade afro-brasileira: ele, é filho de Exu:

Esse vínculo mítico entre Archanjo e Exu aponta para uma chave acerca do simbolismo que gira em torno da personagem.

²Ogã – Título honorífico conferido, seja pelo chefe do terreiro, seja por uma orixá incorporado, aos beneméritos da casa-de-santo, que contribuam com sua riqueza, prestígio e poder, para a proteção e o brilho do axé. Esse tipo de titulação admite uma série de especificações que abrangem, desde cargos administrativos, até funções rituais. Tal como as *equédes*, os *ogãs* não são passíveis de transe.

Segundo o *dicionário de Cultos Afro Brasileiro*, Exu é o grande princípio dinâmico do Candomblé, sendo responsável pela comunicação entre os seres humanos e os Orixás. Coincidentemente ou não, as cores que representam Exu são o vermelho e o negro. O primeiro, no espectro visível olho humano é a menor frequência, abaixo da qual tudo é negro, ausência de luz. É dele ainda *a função de traduzir para a linguagem dos homens a linguagem dos orixás* (Vol. I, p. 44). Ainda *Exu é o mais humano dos orixás (idem), sendo a ele que se pede interferência nas questões materiais e práticas*.

Essa proximidade com o mundo material garantiu a Exu o sincretismo com o diabo cristão, uma vez que era a ele que recorriam os escravos, sujeito ao arbítrio dos senhores, que viam nesse orixá o demônio que os negros lançavam contra eles. Por outro lado, por ser ele o possuidor dos caminhos, é sincretizado em alguns estados como Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como São Pedro, aquele que detém as chaves do paraíso.

Pedro Archanjo parece viver nesses limites: é ele quem traduz para a linguagem do povo a sisuda linguagem acadêmica por meio da qual alguns dos professores da Faculdade de Medicina vociferavam suas teorias racistas. É também ele quem traduz para o formato acadêmico toda estrutura social e cultural de uma parcela do povo, submetida e indefesa diante de seus dominadores.

É a Ojuobá que o povo recorre quando precisa de socorro, defesa ou orientação. Daí o desespero da prostituta Ester quando encontram Archanjo morto: “Agora Ojuobá, como vai ser? Tu era a luz da gente, nossos olhos de ver, nossa boca de falar. Tu era a coragem da gente e nosso entendimento. Tu sabia de ontem e de manhã, quem mais vai saber?” (TM;43). Ou ainda quando é necessário defender um terreiro que desafiava as proibições ao culto: “Quando Zé Alma Grande deu mais um passo em direção a Oxossi, encontrou pela frente Pedro Archanjo. Pedro Archanjo, Ojuobá ou o próprio Exu, conforme a opinião de muitos” (TM;278).

4.2 - Relações sociais: entre a ciência e a sabedoria popular

As relações de Pedro archanjo com os membros da elite são intensas e, no mínimo, inquietantes. Elas se iniciam com sua entrada na Faculdade de Medicina como bedel, e tem na sua luta contra o professor Nilo Argolo seu centro movente.

O espaço geográfico e social em que se desse essa luta é a Faculdade de Medicina, uma vez que, constituída como o espaço da personagem, está a *Tenda dos Milagres*, situada no Pelourinho onde estão os representantes da cultura popular a transmitir seus ensinamentos. Já a Faculdade de Medicina, situada no Terreiro de Jesus, é apresentada como o espaço constituído para a elite branca, e os mestiços e negros são considerados a luz das teorias racistas de Gobineau que tem como representante na obra a figura do Professor Nilo Argolo.

Esse espaço é marcado pela resistência a entrada de mestiços: “A ocupar as vagas que deveriam ser reservadas exclusivamente aos moços de famílias tradicionais e de sangue puro. Impunha-se drástica medida: a proibição pura e simples de matrícula desses elementos deletérios” (TM;202).

Os professores dessa faculdade obtêm grande destaque político, social e econômico: “Não significava apenas cátedra vitalícia, bom salário, importância e consideração. Mágica invocação, o título emérito abria as portas mais diferentes: das letras, da política, da agropecuária” (TM;197).

A principal arma dessa luta é a “pesquisa”. É o artigo de Nilo Argolo, denominado “A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços – o exemplo da Bahia”,(TM;p) que serve como uma das referências bibliográficas para o primeiro livro de Pedro Archanjo: “A vida popular na Bahia”, em que este descrevia os costumes e a cultura da população baiana não pertence a elite: *Quando iniciara o livro, a imagem pernóstica de determinados professores e o eco das teorias racistas, estavam presentes a seu espírito* (TM;146).

A imagem dos professores da Faculdade de Medicina como detentores do saber/poder, estava formada de tal sorte no espírito de Archanjo que, quando Nilo Argolo teceu crítica à insuficiência de fundamentação científica da obra, Pedro Archanjo passou a estudar os autores que faziam parte do cânone que fundamentava a produção acadêmica dos professores da Faculdade de Medicina, abandonado, assim, a pesquisa empírica.

É nesse momento que Pedro Archanjo estabelece um diferencial importante em suas relações com a camada social dominante que iria se firmar até o fim de sua vida – é nesse momento que ele se “distingue” de Ojuobá:

“Durante mais de um decênio, de 1907 a 1918, nos onze anos decorridos entre a publicação de “A vida popular na Bahia”, e de “Influências africanas nos costumes da Bahia”, seu segundo livro, Pedro Archanjo estudou. **Com ordem, método, vontade e obstinação** (grifo nosso) (TM;199).

O conhecimento empírico não bastava mais. O embasamento teórico apresentado por Nilo Argolo mostrara a Archanjo que não bastaria o libelo, o grito por liberdade. O peso da sua falta de conhecimento científico se fizera por demais evidente e ele buscou seu método, seus fundamentos no conhecimento pregado pela própria Faculdade de Medicina, detentora do saber de base branca-européia, apropriando-se dele para usa-lo em favor das comunidades dominadas. Aqui a luta passa a ser intelectual, travada nas palavras, mais que armada.

Essa “luta intelectual” não ocorre somente em relação aos professores racistas da universidade. Aparece também na forma de cobranças das posturas assumidas por professores que se colocam como representantes do pensamento progressista. É o caso do Professor Fraga Neto. Este freqüentemente vai ao Pelourinho em busca do que considera como contato com as massas. Entretanto, quando Pedro Archanjo o convida para discursar na assembléia que iria decidir sobre a greve dos funcionários da Companhia Elétrica, este, apesar de se portar como socialista, balança entre suas posturas acentuando o de perder a cadeira:

“Um concurso é um concurso, cátedra. Um jovem candidato a doutor recém-chegado da Europa, tem direito a ser louco e a proclamar-se marxista. Um professor da Faculdade de Medicina, às vésperas de disputar a cátedra só irá a um sindicato de grevistas se quiser perder o concurso, encerrar a carreira” (TM;314)

Já as relações de Pedro Archanjo com os moradores do Pelourinho se dão com base em sua posição religiosa: ele é Ojuobá – os olhos de Xangô. O significado deste nome já foi suficientemente explorado acima, restando ainda considerações a serem feitas acerca do cargo que representa.

Sendo Xangô o senhor da justiça e da solidez, a função de Ojuobá seria a de proteger os membros da comunidade das injustiças a que estavam submetidos. Mestre

Archanjo, aqui, é a peça de resistência de uma cultura popular baseada nas tradições africanas em disputa com a cultura branca de origem européia.

Essa disputa se dá basicamente em três frentes: a primeira é a da preservação da identidade cultural dessa comunidade. Aqui é resgatada a figura do sábio ou do feiticeiro, pessoa encarregada de preservar a cultura de uma tribo ou um povo. Essa tradição é marcada na cerimônia denominada “amalá de Xangô”, quando após o culto, as pessoas sentam-se em torno de uma mesa, quando então são contadas as histórias ancestrais e relatos de costumes. *Ah! Essa viagem parecia invenção sua, pagodeira para registro na cademeta, para relato na mesa do amalá, na quarta-feira de Xangô.* (TM;46)

Uma outra frente é a da resistência a repressão. Assim, Pedro Archanjo enfrenta o delegado Pedrito Gordo dentro de um terreiro e utilizando-se de recursos provindos do candomblé:

“Contam que nessa hora exata, Exu, de volta do horizonte, penetrou na sala. Ojuobá disse:

Laroiê Exu! Foi tudo muito rápido. Quando Zé Alma Grande deu mais um passo em direção a Oxossi, encontrou pela frente Pedro Archanjo. Pedro Archanjo, Ojuobá ou o próprio Exu, conforme a opinião de muitos. A voz se abriu imperativa na anátema temível, na objurgatória fatal!

Ogun Kapê dan meji, dan pelu oniban!” (TM;278)

A última dessas frentes é a intelectual. Apesar de Pedro Archanjo produzir obras que tinham como objetivo despertar a classe dominante para os direitos da classe dominada, esse trabalho se dá em função dele ser Ojuobá, além de olhos de Xangô, é voz constituída da comunidade: “O emprego é pra teu comer, para não passar necessidade. Mas não é para te bastar nem te calar. **Não é para isso que tu é Ojuobá.** Então, Pedro Archanjo tomou da caneta e escreveu.”(TM;146)

A existência de dois “herdeiros” dos conhecimentos de Archanjo: Tadeu Canhoto e Major Damião refletem essa diversas frentes de batalha.

O primeiro é filho de Dorotéia, uma laba (diaba) que se materializara na terra para um embate sexual com Pedro Archanjo. O segundo é um afilhado deste. O que há de comum entre eles, é o fato de terem sido educados por Pedro Archanjo.

Major Damião, quando criança, fora rebelde a qualquer tentativa de educação formal, entretanto, Archanjo conseguira atrai-lo para a leitura através da transmissão oral: “Demônio travesso, terror dos vizinhos, debochado e perdido, chefe de malta sem lei, Damião não aprenderia a ler não fosse Archanjo lhe ensinar. Nenhuma escola o reteve, nenhuma palmatória o convenceu, três vezes fugiu do patronato (TM;49).

O moleque Damião apenas percebia o som do riso claro, abandonava tudo, a briga mais emocionante, para vir sentar-se no chão a espera de histórias. Dos orixás, Archanjo sabia a completa intimidade; de outros heróis também: Hércules e Perseu, Aquiles e Ulisses” (TM;49). “A voz quente e fraterna: ‘sente aqui, meu camaradinho, venha ler comigo uma história batuta’, ganharam o vadio para a leitura e as contas” (TM;50).

Já Tadeu Canhoto é entregue a Archanjo pela mãe aos quatorze anos:

“Até agora não deu para nada, nem pra carpina nem pedreiro, vive fazendo conta, sabe mais tabuada que muito livro e professor. De que me serve? Só dá despesa e nada posso fazer. Torcer a sina que trouxe do sangue que não é o meu?” (TM;148).

“Padrinho, vou tirar os preparatórios. Tenho muito que estudar. Mas se o Padrinho quiser me ajudar em Português e Geografia, posso dar conta. Aritmética não preciso e tenho quem me ensine História do Brasil”(TM;149)

O destino dos dois educandos de Pedro Archanjo é marcado, de certa forma, pelo método de ensino: enquanto Tadeu Canhoto, educando na forma tradicional, inclusive freqüentando escolas, forma-se Engenheiro, casa-se com Lu, moça branca de origem aristocrática e sai do Pelourinho em direção aos grandes centros; não mais voltando, a não ser para uma breve visita:

“Tadeu entrou, veio até eles, beijou a mão do padrinho. Lídio comovido o tomou nos braços:

- Está um lorde!

- Na minha posição devo me apresentar-me bem vestido”. (TM;305)

Damião aprende na prática, trabalhando como contínuo em escritórios de advocacia e fazendo bicos no Fórum. Consegue uma carta de Rábula e passa atender gratuitamente a comunidade carente: *vou lhe obter carta de rábula, nunca mais faltará advogado para os pobres.*

Os diferentes caminhos seguidos por Damião e Tadeu Canhoto mostram duas facetas de Pedro Archanjo: O primeiro herdou a responsabilidade social, a facilidade com a linguagem e o respeito do povo do Pelourinho. Já a herança do segundo, foi a capacidade de aprendizado e a objetividade. Mesmo assim, juntos, eles não formam um segundo Pedro Archanjo. Damião, por não se permitir um maior aprofundamento no conhecimento, apelava às mentiras para defender seus clientes. “Nos discursos do Major refulgiam sentenças e conceitos atribuídos a nomes famosos, vivos mortos ou inventados; nos júrís atirava com eles na cara dos promotores boquiabertos ante tanta audácia”. (TM;68)

Já Tadeu Canhoto não consegue ter a responsabilidade e o respeito social que fazem de Pedro Archanjo respeitado. Sua opção é por uma vida pequeno-burguesa e pela firmação profissional. “- Cadê tempo? Vivo numa corrida, tenho sob minhas ordens duas equipes de engenheiros. Saímos muito. Lu e eu. Um inferno – pelo tom da voz era fácil compreender que gostava daquele inferno”. (TM;306)

Dois destinos diferentes, duas heranças diferentes: apesar de não ser filho de Pedro Archanjo, Damião herda mais suas características que Tadeu Canhoto. O primeiro, tal como Archanjo tinha várias mulheres e filhos espalhados por Salvador. O último abandona o Pelourinho. Todo trabalho para formá-lo, revela-se inútil para a comunidade. Tadeu passa a se comportar como membro da elite que tanto desprezara os seus. Não dera frutos, como também não frutificara seu casamento: Lu, a esposa branca de Tadeu, era estéril.

V- Pedro Archanjo, a mistura de mundos

Deuses, homens, personalidades históricas envolvidas numa trama que aponta para um ponto de ligação entre duas culturas: de um lado, uma vertente de cunho europeu e cristão, representada na obra pela elite baiana que se diz branca, e , por outro, uma vertente afro-brasileira e animista, representada pela comunidade mestiça do Pelourinho.

Na primeira vertente, a figura de Pedro Archanjo, pobre, mestiço, autodidata, emerge como uma cunha enfiada no cientificismo apregoado pela Faculdade de Medicina. Partindo primeiramente, de seus conhecimentos adquiridos por meio da transmissão oral e da observação empírica, ele irá se transformar no detentor de um saber cristalizado ao longo do tempo pelas transformações culturais sofridas pelos negros vindos escravos para o Brasil e, posteriormente, por seus descendentes.

E esse saber que apresenta em seu primeiro livro. Entretanto, ao ter questionados seus métodos de pesquisa e a ausência de citações de sábios brancos, Archanjo passa a estudar os métodos tidos como “científicos” pela comunidade acadêmica. Não que considere inválidos seus estudos e seu método. Archanjo sabe que o “livro” é a arma da ciência da elite e, se ele quer apresentar a cultura de sua comunidade utilizando-se dela, deve aprender seus métodos.

Na segunda vertente, Archanjo emerge como Ojuobá, olhos de Xangô. É o líder intelectual de uma classe submetida à escravidão social pelos brancos, pela qual luta utilizando-se das armas do adversário, uma vez que a transmissão oral dos conhecimentos não mais suficiente. É preciso dominar os meios do opressor para sobreviver.

A presença dessas duas vertentes aparecem, em um primeiro instante, como a clássica luta de classes: uma classe opressora e uma oprimida.

Entretanto, Pedro Archanjo não cabe nessa visão, uma vez que ela traduz somente a lógica da classe opressora: há nela os que atacam e os que defendem a classe operária. Porém, mesmo com várias publicações de cunho científico, reconhecidas no exterior, Pedro Archanjo não é reconhecido como voz de defesa de sua classe, uma vez que não se ajusta aos padrões de nenhum dos dois lados.

Questiona ambos não é o bedel submisso como o quer Nilo Argolo, o racista professor da Faculdade de Medicina, nem o materialista convicto como deseja o Professor Fraga Neto:

“Quero saber como você pode conciliar o seu conhecimento científico com as obrigações de candomblé. Isso é o que desejo saber. Sou materialista, você sabe, e por vezes pasmo ante certas contradições do ser humano. Esta sua, por exemplo. Parece haver dois homens em você: o que escreve livros e o que dança no terreiro.

- Pedro Archanjo Ojuobá, o leitor de livros e o bom de prosa, o que conversa e discute com o professor Fraga Neto e o que beija a mão de Pulquéria, a *iiadorixá*, dois seres diferentes, quem sabe o branco e o negro. Não se engane, professor, um só. Mistura dos dois, um mulato só” (TM;283).

Aqui Pedro Archanjo faz-se voz de defesa de sua comunidade pregando a igualdade racial, social, cultural e histórica. Mais que um *misticismo*, posto em oposição aos movimentos arianistas e da negritude, aponta para o desenvolver de uma mistura que não

seria somente de raças, mas sim cultural. O passado estava ficando para trás e nenhum dos dois lados não poderia sobreviver sem o outro.

Ao longo da obra observamos construção de um personagem que não pertence, na verdade, a nenhum desses mundos, se olharmos cada um deles de forma separada. Archanjo está além dessas divisões. Sabe-se que a mudança não virá pelo comodismo nem pela revolução.

VII – Costurando as amarras

O que procura-se mostrar ao longo deste trabalho, é a forma como a personagem Pedro Archanjo, da obra *Tenda dos Milagres* de Jorge Amado vai sendo constituída socialmente a partir de diversos pontos estruturais, e levando ainda em consideração elementos extratextuais.

Em *Tendas dos Milagres*, a não aceitação de um povo constituído nos moldes europeus caminha ao lado da não aceitação de que esse mesmo povo tenha um perfil constituídos unicamente de elementos africanos: *São mestiças a nossa face e a vossa face: é mestiça a nossa cultura, mas a vossa, importada, é merda em pó.* (grifo nosso) (TM;147)

Assim, a falta de definições claras acerca da figura de Pedro Archanjo aliada à pouca credibilidade mostrada pelo narrador-personagem, identificado como um pesquisador, a construção de um espaço diegético em que se opõem e conflitam as culturas de origem européia e africana criam uma situação de conflito aparentemente irreconciliável, no qual o universo branco não se misturará com o universo negro, mesmo quando o intelectual branco procura o “contato com as massas”.

No limite desses dois mundos encontramos o mulato Pedro Archanjo: o escritor de livros e Ojuobá, os olhos de Xangô, o “archanjo” e o Exu.

Talvez a chave para compreender essa personagem é o fato de que, apresenta uma visão de transformação social que não procura impor um dos dois lados: aceita os dois convivendo de forma pacífica. Para archanjo, a cultura branca e a cultura de origem africana seguiam caminhos que levariam inevitavelmente a essa aceitação.

Dessa forma, ele não crê no candomblé. Aceita-o como um bem para o povo, como sendo elemento estruturante da cultura oriunda dos negros e vetor dos gritos de liberdade



social, cultural e religiosa. Também não aceita que o materialismo puro reprima esse grito. A mistura é inevitável, e qualquer tentativa de negá-la levará à esterilidade.

Parece óbvio dizer que este trabalho não esgota, nem o tema, nem o trato com a obra. Jorge Amado é um mestre em descrever não só a Bahia, mas também o universo mítico afro-brasileiro. Manipula como ninguém os elementos arquetípicos africanos aplicando-os às personagens, e aparentemente reproduzir, no universo diegético, toda uma gama de relações que a tradição oral remete aos deuses; deuses estes tão mestiço quanto o próprio Ojuobá. Que o digam a pele branca e os cabelos lisos de Iemanjá.

Essa dualidade cultural na qual vivemos tende, naturalmente, a ser resolvida, e enquanto ela não o for, não se poderá falar em civilização brasileira. (Antonio Candido, 1943, in: RAILLARD, 1990.)

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, 37. ed. São Paulo: Record; 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira; ver. da Trad. de Marina Appenzelles. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *A personagem*. 7 ed. São Paulo: Ática; 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

CANDIDO, Antonio. (org.) *A personagem de ficção*. São Paulo, Perpectiva, s/d.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Metodologia do Trabalho Intelectual*. São Paulo, Atlas: 1999.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. de Annie Dymetman. São Paulo: Record; 1990.

REIS, C & LOPES, A. C.M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática; 1988.

DICIONÁRIO DE CULTOS AFRO- BRASILEIROS. (3 Volumes). Ed. Planeta. 1985.

Bíblia Sagrada. Ed. Católica, São Paulo, 1975

Ilana Seltzer Goldstein in Revista Cult, n° 50, 2000